

Palavras impressas, heterogeneidade e resistências em América Latina: uma reflexão teórica e metodológica

Printed words, heterogeneity and resistance in Latin America: a theoretical and methodological reflection

Palabras impresas, heterogeneidad y resistencias en América Latina: una reflexión teórica y metodológica

Silvia Finocchio

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7479-7599>

Resumo: Este artigo apresenta elementos teóricos e metodológicos destinados a estudar a relação entre palavras impressas e heterogeneidade social e cultural na América Latina. O foco está em publicações periódicas. O objetivo é captar a heterogeneidade com ferramentas teóricas e metodológicas atentas a esse objeto de estudo. A intenção que norteia o desenvolvimento dos argumentos é a abordagem do estudo da heterogeneidade a partir da própria heterogeneidade. Neste caso, trata-se de traçar a heterogeneidade nos discursos institucionalizados, nas histórias de atores relegados ou invisíveis e nas proclamações de vanguarda cultural presentes nas revistas publicadas durante a primeira metade do século XX. O artigo apresenta alguns casos históricos de publicações periódicas do contexto latino-americano que, a título de exemplo, sustentam o sentido da abordagem proposta.

Palavras-chave: imprimir cultura; heterogeneidade; resistência; América Latina.

Abstract: This article presents theoretical and methodological elements aimed at studying the relationship between printed words and social and cultural heterogeneity in Latin America. The focus is on periodical publications. The purpose is to capture heterogeneity with theoretical and methodological tools attentive to this object of study. The intention that guides the development of the arguments is the approach of the study of heterogeneity from heterogeneity itself. In this case, it is about tracing the heterogeneity in institutionalized discourses, in the stories of relegated or invisible actors and in proclamations of cultural avant-gardes present in magazines published in the first half of the 20th century. The article presents some historical cases of periodical publications from the Latin American context that, as an example, support the meaning of the proposed approach.

Keywords: print culture; heterogeneity; Resistance; Latin America.

Resumen: En este artículo se presentan elementos teóricos y metodológicos orientados al estudio de la relación entre las palabras impresas y la heterogeneidad social y cultural en América Latina. El foco está puesto en las publicaciones periódicas. El propósito es captar la heterogeneidad con herramientas teóricas y metodológicas atentas a este objeto de estudio. La intención que guía el desarrollo de los argumentos es el planteo



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

del estudio de la heterogeneidad desde la heterogeneidad misma. En este caso, se trata del rastreo de la heterogeneidad en los discursos institucionalizados, en los relatos de actores relegados o invisibilizados y en proclamas de vanguardias culturales presentes en revistas publicadas durante la primera mitad del siglo XX. En el artículo se presentan algunos casos históricos de publicaciones periódicas del contexto latinoamericano que, a modo de ejemplo, sustentan el sentido del abordaje propuesto.

Palabras clave: cultura impresa; heterogeneidad; resistencia; América Latina.

1 Introdução

Neste artigo apresento alguns elementos teóricos e metodológicos que visam contribuir para pensar a relação entre palavras impressas e heterogeneidade social e cultural na América Latina. Com esse propósito, na primeira seção levanto argumentos sobre a relevância do problema da heterogeneidade na modernidade tardia que vivemos. Na segunda, apresento diversas contribuições teóricas que questionam os significados monolíticos que geralmente são atribuídos aos processos históricos de homogeneização e de resistência à homogeneização. Na terceira, traço diretrizes metodológicas voltadas ao estudo da heterogeneidade a partir da própria heterogeneidade, com foco em publicações periódicas, textos impressos com estrutura heterogênea por definição. Por fim, na quarta seção, apresento alguns casos históricos recentemente estudados do contexto latino-americano que, a título de exemplo, sustentam o sentido da abordagem proposta. O objetivo é demonstrar a necessidade de captar a heterogeneidade nas publicações periódicas com ferramentas teóricas e metodológicas atentas ao objeto de estudo. Isto significa estudar a heterogeneidade a partir da própria heterogeneidade, concentrando-se nas suas fendas, dobras, contradições e lacunas. Por exemplo, nos claro-escuros dos discursos de construção institucional, típicos de atores intermediários e subordinados; nas variações das palavras dos atores que desafiaram os modelos hegemônicos, bem como nas formas parciais e equívocas com que os atores invisibilizados do discurso oficial foram reintegrados; e nas oscilações contra-hegemônicas da vanguarda cultural que se apresentavam como alternativas¹.

Nestes tempos, segundo alguns autores, de modernidade tardia, a heterogeneidade apresenta-se como um problema transcendente para as humanidades e as ciências sociais. A questão da heterogeneidade está associada a vários fatores (González Leandri *et al.*, 2025). Por um lado, ao aumento das desigualdades. Algumas leituras relacionam a heterogeneidade com os desequilíbrios causados pelo processo de globalização e pelas transformações tecnológicas, econômicas e culturais que ele acarreta. Bauman (1999) sus-

¹ As considerações e reflexões expressas neste artigo resultam de um trabalho realizado em conjunto com um grupo de investigadores no âmbito do Projeto de I&D&i HeterQuest “Heterogeneidade em questão” PID2019-107783GB-I00, financiado pelo MCIN/AEI. A produção de cada um faz parte de um livro que coordeno com Ricardo González Leandri e Armando Minguzzi, citados profusamente ao longo do artigo.

tenta que a desigualdade e a injustiça dominam o nosso planeta e explica a nossa desconfiança, preconceitos e inimizades mútuas no mundo globalizado. Na verdade, até agora, na América Latina e o Caribe, o efeito transformador da tecnologia na economia e na cultura é visto mais como um risco e um enorme desafio do que como um motor de desenvolvimento e de igualdade. Daí o sentimento de frustração que a opinião pública dos diferentes países percebe ao observar, nos dados estatísticos oficiais, que a desigualdade não foi reduzida como esperado no início do século. Deve-se notar, no entanto, conforme explicado pela historiografia económica e social, que estes desequilíbrios não são um mero resultado da globalização, mas estão ancorados nos problemas e contradições subjacentes nas políticas dos Estados nacionais ao longo dos séculos XIX e XX.

Outro fator de grande preocupação para as ciências humanas e sociais é a profunda crise de identidade ligada ao aumento dos movimentos migratórios em escala global (Ceja; Álvarez Velasco; Berg, 2021), às transformações no mundo do trabalho e à crise de identidade salarial (Castel, 1997), à aceleração do tempo como o problema existencial número um do ser humano no século XXI (Rosa, 2005), bem como aos conflitos sem fins culturais, sociais e políticos. Isto explica o surgimento de movimentos de resistência e de empoderamento muito variados que fizeram da heterogeneidade o seu sinal de identidade. Como reação, e no meio de um profundo questionamento dos modelos neoliberais de governação global, atitudes e movimentos particularistas e xenófobos também foram exacerbados em grandes regiões do mundo, dando origem a novas “guerras culturais”. Estas apontam sobretudo para o campo das identidades e da memória ao tentarem reforçar imaginários nacionais e regionais temerosos, essencialistas e excludentes. Como não poderia deixar de ser, muitos cientistas sociais estão atentos aos desafios que estes movimentos de ação e reação apresentam. Isso se deve à validade de estudos que propõem uma revisão aprofundada das complexas e sempre tensas relações entre memória, identidade e cultura e suas ligações com o pluralismo e a democracia (Richard, 2021; Illouz, 2023). Temos consciência de que os territórios da memória e da identidade funcionam como campos minados para a análise histórica. Se a primeira não oferece uma perspectiva clara dada a sua constante ambivalência entre memória e memórias, a da identidade beira sempre interpretações essencialistas. Para uma melhor compreensão, é necessário revisitar a questão da heterogeneidade, um magma muitas vezes inapreensível devido às suas múltiplas alteridades, resgatar o seu carácter historicamente condicionado e tentar colocá-lo num nível mais transcendente (González Leandri *et al.*, 2025).

Como historiadores humanistas, uma questão nos desafia particularmente: o fato de registrarmos projetos alternativos de políticas públicas mais ou menos recentes na América Latina, com grande ênfase no plural, que colocam o dedo no ponto sensível do próprio significado dos projetos homogeneizadores/normalizadores, e seus retrocessos mais ou

menos virulentos dependendo do país. A preocupação sobre a forma como as sociedades nacionais crivadas de dívidas e injustiças são refeitas sugere que não é suficiente reivindicar as minorias ou a redemocratização política, económica e cultural. Da crítica cultural, com foco nos estudos da memória e no feminismo, Nelly Richard (2021) propôs, por um lado, a desmontagem cultural como forma de repensar ou resistir à indiferenciação anestesiante que os relatos oficiais ou oficializados da sociedade e da globalização acarretavam e, ao mesmo tempo, sugeriu a necessidade de adotar formas operacionais na pesquisa e na negociação política para reimaginar o comum e a democracia. Ele sustenta que o vínculo entre o destituente e o constituinte-instituente é essencial (Richard, 2021) e que talvez seja necessário “[...] um chamado, gentil e determinado ao mesmo tempo” para restaurar uma ética da palavra, “uma poética da nomeação” (Richard, 2021, p. 67), que através da troca de posições e enunciados facilite a transição entre “[...] o particular (identidades, territórios, etnias, gêneros que falam por si e em nome de si) e o universal (algum sistema que permite equivalências flexíveis – não fechadas – entre o particular e o geral)” (Richard, 2021, p. 65). Esta reflexão coloca a heterogeneidade e a inter-relação cultural num nível transcendente face aos desafios contemporâneos.

É possível aumentar a heterogeneidade e a convergência social e cultural ao mesmo tempo? Responder a esta questão é um apelo à construção de um conjunto de saberes e práticas que progressivamente se concretizem na cultura, abrindo espaço para diferentes concepções de mundo. Isto também exige que na América Latina as abordagens diferenciais, territoriais, ambientais, de género e anti-raciais visem construir identidades não essencialistas que reivindiquem culturas, memórias e histórias; criar diálogos respeitosos entre diferentes grupos e promover relações sociais equitativas, justas e coesas que contribuam para o tecido social. No mundo atual, para resolver problemas e desafios sociais, ambientais, tecnológicos, produtivos ou de convivência, é necessário atender às necessidades e oportunidades do contexto, bem como valorizar o conhecimento científico e popular. Neste sentido, compreender a heterogeneidade é a melhor resposta para que indivíduos, instituições e comunidades dos diversos territórios convirjam num diálogo produtivo e se fortaleçam.

2 Contribuições teóricas para o conceito de heterogeneidade

Muitas críticas têm sido feitas aos projetos homogeneizadores dos estados nacionais e às suas intervenções reguladoras e normalizadoras. Um pouco menos estudadas foram as áreas e os atores que confrontaram e propuseram modelos alternativos, geralmente vistos fora do sistema institucional formal. Apontar a existência de pluralidade e diversidade em determinadas situações identificadas pela sua marcada tendência à homogeneização

e sustentar que essa heterogeneidade poderia estar não só fora, mas também dentro dos sistemas ou aparelhos reguladores, tem sido ainda menos percorrido. Isto aconteceu nas ciências sociais e nas humanidades para além de contribuições teóricas relevantes sobre cultura e sociedade provenientes de diversas fontes e disponibilizadas há algum tempo.

Na perspectiva da crítica literária, Antonio Cornejo Polar (1999) desde cedo desenvolveu uma teoria sobre a heterogeneidade no campo literário. Sua teoria da heterogeneidade apontava para a coexistência de vários códigos culturais em um mesmo grupo e até mesmo em uma entrevista, ele afirmou: “[...] em algum momento percebi que o heterogêneo só funciona como o oposto do homogêneo e que o homogêneo poderia simplesmente não existir” (Rivas, 1997, p. 10) E acrescentou: “[...] relativamente à possibilidade de nações homogêneas, a verdade é que elas nunca existiram e não existem” (Rivas, 1997, p. 11). Este autor considera que o conceito europeu de Estado-nação que pressupunha a unidade homogênea foi assumido pela própria historiografia literária latino-americana e que foi ela que homogeneizou à força, através de mutilações, o que era evidentemente heterogêneo. Da mesma forma, denunciou o erro da historiografia ao enfatizar a homogeneização e observou que era fundamental insistir na condição heterogênea das literaturas latino-americanas.

Desde a história, face à redução que envolve considerar a cultura no singular, Michel de Certeau (1999) apontou para a implantação de uma cultura plural onde brilham a multiplicidade, a heterogeneidade e a criatividade ordinária. Não se referia ao estudo da cultura popular ou da resistência aos regimes de poder, mas às práticas culturais no plural que, por definição, são operacionais, orais e ordinárias.

Desde a política, Jacques Rancière (2005), no mesmo sentido, sustentou que “[...] as próprias instituições são lugares de trânsito, lugares aleatórios de encontro com o heterogêneo, que facilitam processos de reconfiguração de identidades e campos de experiências” (Rancière, 2005, p. 74).

Desde a sociologia, Bernard Lahire (2004a, 2004b), discípulo de Pierre Bourdieu e quem questionou alguns dos seus desenvolvimentos teóricos, foi além da ideia de sociedade plural e desenvolveu o conceito de sujeito plural. Questionou as formas como uma situação convoca, mobiliza ou desperta experiências passadas e desencadeia ações (ou inações) com possíveis campos de efeitos. No desencadeamento das ações estão as disposições impregnadas pela relação passado-presente. Lahire (2004a) sustenta que embora as disposições sejam inobserváveis, elas podem ser reconstruídas desde que estejam no início das práticas observadas e tanto o passado quanto o presente influenciem as disposições e ativem as práticas. Em cada indivíduo, as disposições associadas à atividade profissional estão relacionadas com o meio social, o gênero, a escolaridade, a situação conjugal, os grupos de amigos, o momento de vida e as instituições sociais, políticas, re-

ligiosas e culturais. Ele afirmou que as variações culturais intraindividuais dependem do conjunto de pequenas ou grandes lacunas culturais entre diferentes influências culturais passadas (mais ou menos incorporadas na forma de disposições e habilidades culturais) e inflexões presentes (Lahire, 2004b, p. 260).

Desde a antropologia, Néstor García Canclini (1990, 1995) concebeu o conceito de hibridização para enfatizar as intersecções que ocorrem no consumo, em relação à circulação de bens culturais. Interpretar essas intersecções implicava, a partir de sua perspectiva, captar os processos em que os sujeitos são atravessados pela hibridização de “estruturas e práticas discretas”. Nesse sentido, a ideia de hibridização em sua amplitude convida a captar processos de cruzamento, sedimentação e fusão de aspectos culturais que trazem consigo ideias, pensamentos, crenças, sensibilidades, emoções, estéticas e afetos diversos.

Por outro lado, as conceptualizações sobre tempo e espaço provenientes da historiografia, dos estudos culturais e da crítica literária também são relevantes para o estudo da heterogeneidade social e cultural. Jaques Le Goff (2016) questionou o trabalho dos historiadores que tendem a cortar a história em seções e a atribuir significados e até propósitos a cada uma delas de acordo com suas perspectivas teóricas ou filosóficas e perguntou, no último livro que publicou em vida e que apareceu poucos meses antes de sua morte, se era realmente necessário cortar a história em fatias temporais. Le Goff alertou para a dificuldade de parcelar o tempo humano e afirmou que o tempo é uma mudança perpétua e também um continuum múltiplo.

Georges Didi-Huberman (2005), no campo da história da arte, foi além e sustentou que a questão não é das durações que os objetos apresentam, mas dos anacronismos e das formações mistas: “[...] é preciso compreender que em cada objeto histórico todos os tempos se encontram, entram em colisão ou fundem-se plasticamente, bifurcam-se ou enredam-se uns nos outros” (Didi-Huberman, 2005, p. 66).

No campo da crítica literária, Cornejo Polar (2003) destacou que dentro da “heterogeneização” da cultura e da sociedade, a história não pode ser ignorada, pois em cada sujeito, em cada discurso, em cada representação, é possível encontrar indícios de momentos históricos muito diversos, por vezes separados uns dos outros por séculos, que no entanto permanecem válidos e ativos (Rivas, 1997).

Em relação aos espaços e ligações entre regiões como forma de organizar a humanidade, nas últimas décadas, a história conectada e a história global desenvolveram-se no sentido de uma história social e cultural de situações de contato entre sociedades distantes. Segundo vários autores, estas perspectivas resultam numa história mais simétrica, capaz de dar voz no coro a todos os atores envolvidos (Conrad, 2017; Bertrand, 2015). Da mesma forma, permitem um aprofundamento da história local que capta como ela está interligada

com o nacional, o regional e o global, sendo este entrelaçamento uma parte constitutiva do processo histórico e não um mero pano de fundo.

A partir deste quadro, uma contribuição digna de destaque vem da história conceitual. Diante do suposto rigor dos conceitos, Reinhart Koselleck (1993) alertou que o conceito traduz a diversidade da experiência histórica e – diferentemente da palavra – não contém uma definição única. De alguma forma, na relação entre conceito e contexto surge uma certa consciência da experiência de mudança histórica e, por isso, neste tipo de criações socioculturais há habitualmente antecipações de linguagem, sobrevivências semânticas e diversidade de interpretações que tornam um futuro muitas vezes errático em diferentes tempos e espaços.

À luz destas contribuições que, com foco na heterogeneidade, suscitaram a necessidade de rever as categorias com as quais pensar a sociedade e a cultura, bem como o seu tempo e espaço, fundamenta a necessidade de investigar a cultura impressa, numa perspectiva que vai além de interpretações que reduzem a transmissão de uma linguagem, de uma história e de um conteúdo cívico como elementos fundadores de uma nacionalidade homogênea e a interrogam devido à explosão da cultura “em sistemas diversificados, mas articulados” (Certeau, 1999), rompendo assim com o paradigma de uma história única e retomando desenvolvimentos que abordam a variedade de cinzas existentes nas representações sociais e culturais onde o heterogêneo coexiste com o homogeneizado.

A questão da heterogeneidade constitui um magma muitas vezes evasivo. Seguindo as recentes considerações sobre usos e paradoxos do conceito de heterogeneidade feitas por González Leandri (González Leandri *et al.* 2024), vale a pena notar, em primeiro lugar, que na América Latina, um subcontinente heterogêneo quase por definição, o heterogêneo, paradoxalmente, estava associado a um fantasma ou a um outro negado. É um uso hegemônico no século XIX e na primeira metade do XX. Os Estados nacionais procuraram confrontar a heterogeneidade herdada dos tempos coloniais através da formação de uma comunidade sustentada num “nós”, o que implicou a ampla divulgação da cosmovisão de certos grupos como narrativa nacional, bem como a imposição a outros que eram obrigados a converter-se.

Em segundo lugar, a própria caracterização da América Latina como um subcontinente heterogêneo - como se fosse uma essência - tendeu a esconder, em vez de esclarecer, a complexidade dos seus processos de construção social e das tensões e negociações deles derivadas. Muitos dos argumentos teleológicos a que esta tipificação deu origem obstruíram a compreensão das alteridades históricas e da simultaneidade conflituosa de projetos pluralistas e uniformizadores.

Em terceiro lugar, se assumirmos que o termo heterogeneidade é polissêmico, podemos reconhecer a sobreposição de dimensões ao descrever a realidade da América Latina.

Um nível é dado pelas referências à “heterogeneidade estrutural” baseada numa base socioeconómica com raízes históricas. Outro nível pesa a etnicidade e, mais especificamente, a experiência indígena e afro-americana.

Em quarto lugar, o conceito de heterogeneidade utilizado para descrever os desequilíbrios e contradições do processo de globalização defende que o confronto entre homogeneidade e heterogeneidade é um dos traços característicos da sociedade contemporânea. A questão é complexa e sugestiva e tem uma longa tradição. Do funcionalismo sociológico norte-americano e das suas tentativas de explicar os processos de modernização às interpretações multiculturalistas já estabelecidas, procuraram decifrar o real alcance das políticas unificadoras hegemónicas, o papel e o significado dos particularismos locais e os efeitos disruptivos da globalização.

Em quinto lugar, entrelaçado com as dimensões anteriores está o facto de que a maior parte das interpretações sobre a heterogeneidade se move geralmente no campo das representações, imaginários e histórias. Não é por acaso, neste sentido, que os campos em que o tema mais foi repensado foram a crítica literária e os estudos culturais, onde se destacam as contribuições de Ángel Rama (1984), García Canclini (1995), Cornejo Polar (1999) e Rodríguez Cascante (2002), com os conceitos de transculturação, hibridização, heterogeneidade e totalidade contraditória.

Neste ponto está o valor de discutir o heterogêneo para delinear novas perspectivas que de forma turva e depois com mais clareza nos permitem vislumbrar e nomear o heterogêneo de diversas maneiras, ou seja, como outros ambíguos, como alteridades proposicionais (Castoriadis, 1975) ou como laterais esquecidas (Noiriel, 2011). Para isso, teríamos que nos deter em propostas não apenas de alteridade marginalizada, mas também de fissuras e misturas – com ou sem contradições – num espectro social e cultural tendencialmente amplo. As revistas constituem um objeto privilegiado para isso.

3 Contribuições metodológicas para abordar a heterogeneidade

Em linha com algumas contribuições teóricas sobre a heterogeneidade, pode-se argumentar hoje que no que diz respeito à possibilidade de nações homogêneas, a verdade é que elas nunca existiram e não existem. Para uma melhor compreensão é necessário resgatar o carácter histórico da heterogeneidade. Isso explica o significado do estudo das revistas.

As formas convencionais de estudar as publicações periódicas foram revistas nas últimas décadas graças às contribuições de diversas disciplinas, entre as quais vale a pena mencionar a história cultural, a história do livro e da leitura, a sociologia da leitura, a história da publicação, a história da mídia, a história da arte e a incidência da virada visual nas

ciências sociais como um todo, bem como a crítica literária e o impacto da virada linguística no mesmo campo de estudos.

As revistas constituem um mundo comunicacional vasto, rico, matizado e heterogêneo, inscrito num processo complexo e de difícil compreensão pela variedade de elementos morfológicos que interagem na sua estrutura, pela infinidade de temas e questões que englobam, pela presença de sujeitos com diferentes perfis e papéis que intervêm na sua produção, bem como pelo jogo com diversas escalas espaciais e temporais que afectam o ciclo de vida de cada publicação. No que diz respeito aos temas e às formas discursivas, há algum tempo Beatriz Sarlo (1985, 1988, 1992), estudante de publicações periódicas associadas às transformações nas culturas populares nas primeiras décadas do século XX, alertava sobre a estrutura diversificada das revistas como uma estratégia em que “[...] a variedade retórica e temática poderia ser combinada de múltiplas maneiras com as necessidades dos consumidores médios e populares” (Sarlo, 1985, p. 36). Por sua vez, em relação aos avanços no estudo das revistas culturais nos últimos vinte anos, Horacio Tarcus (2020) ecoou a virada material e as colocou no quadro de uma rede variada, mutável e mutante. O papel das revistas culturais nos processos históricos explica-se, na sua perspectiva, pelas relações que as publicações periódicas estabelecem entre si, na ampla e heterogênea gama que compõem, e pelo seu impacto nos circuitos das diversas culturas em cada momento histórico. No “campo das revistas”, como é chamado, grupos de produtores e leitores de revistas disputam poder e reconhecimento (Tarcus, 2020, p. 23).

Desta forma, o jogo de temas e modos de dizer diversos, a inserção num campo de produção e circulação plural bem como o cruzamento de múltiplas temporalidades e espacialidades permitem colocar no centro sujeitos, imaginários e práticas dispersos, sem idealizações ou condenações, e constituíram um desafio interpretativo ao dinamismo histórico das revistas. Na América Latina, as revistas começaram a circular a partir do início do século XIX e atingiram o seu auge em termos de circulação nas primeiras décadas do século XX (Alonso, 2003; Tarcus, 2020). Não vou me referir aos importantes avanços alcançados em sua pesquisa porque ultrapassam os objetivos deste artigo. Gostaria apenas de mencionar, pelo menos, a relevância do estudo da imprensa cultural na Argentina de Horacio Tarcus (2020), Sylvia Saítta (2020), Verónica Delgado, Alejandra Mailhe e Geraldine Rogers (2014), Ricardo González Leandri e Armando Minguzzi (2019), entre outros.

Mais do que espelho de um tempo ou espaço, a imprensa é aqui concebida como agente ativo, uma vez que desempenhou papéis preponderantes na sua dinâmica histórica. Identificar a tarefa desempenhada pela imprensa é central para apreender a riqueza associada à variedade de vozes, propostas e projetos; redes de socialização e profissionalização; bem como espaços de luta, formação e inovação que, proporcionando nuances e tensões, coexistiram em cada época. As revistas, concebidas como criadoras de contextos,

são um objeto de estudo privilegiado para captar a riqueza histórica dessa heterogeneidade condensada em suas páginas (Finocchio, 2009).

4 Heterogeneidade sociocultural na revista

Em relação à heterogeneidade das revistas, compartilho aqui contribuições recentes de estudos sobre a imprensa periódica latino-americana que retomam algumas das abordagens teóricas e metodológicas apresentadas nas seções anteriores. Em primeiro lugar, quero mencionar contribuições referentes à heterogeneidade no claro-escuro dos discursos de construção institucional.

Ricardo González Leandri e Leandro Stagno (2025) estudaram duas revistas educacionais da província de Buenos Aires, na Argentina, *Anales de la Educación Común* e *El Monitor*, que circularam durante a segunda metade do século XIX, e demonstraram como os projetos civilizacionais eram jogados na intersecção entre “institucionalidade” e “experiência”, esta última entendida em duplo sentido, “experiência vivida” e o atributo de “especialistas”. Eles sustentam que é nesta intersecção que o conceito de heterogeneidade e os traços de ambiguidade dele derivados ganham todo o seu valor para qualificar processos que, naturalizados e incorporados ao senso comum da época, são muitas vezes considerados de forma monolítica. Em linha com estudos recentes sobre a ação dos agentes envolvidos nos processos de formação do Estado educador e nas tensões geradas entre as diversas escalas jurisdicionais, bem como aquelas derivadas dos conflitos em torno de projetos políticos e pedagógicos concorrentes, González Leandri e Stagno analisaram as contribuições jornalísticas de Juana Manso, em *Anales de la Educación Común*, e de Arnaldo Sarrazat, em *El Monitor*, entre 1866 e 1875. Ambos, os diretores dessas publicações conheciam, desde suas próprias carreiras docentes, os problemas de funcionamento de um sistema educacional emergente. Num contexto em que a imprensa funcionava como plataforma para ganhar notoriedade pública, defender opiniões e defender determinados interesses, os autores destacam como dois periódicos educativos editados por professores da Província de Buenos Aires tornaram-se vozes de um campo de ensino heterogêneo em construção. Demonstraram também que o imaginário civilizacional docente apresentava rupturas e fissuras e alertavam para o significado histórico das cicatrizes e tensões criadas no quadro de processos tudo menos lineares (González Leandri e Stagno, 2025).

Na mesma direção, a análise que realizei da revista *Archivos de Pedagogía y Ciencias Afines*, primeira revista educacional publicada por uma universidade argentina no início do século XX, permitiu-nos destacar o duplo sentido em que a heterogeneidade permeou esta revista (Finocchio, 2024). Se, por um lado, foi criadora de um contexto ou cenário científico e cultural que priorizou seu estudo na população escolar para diagnosticar as de-

ficiências do método de ensino vigente, por outro, apresentou a heterogeneidade como um componente com vários gumes em seus próprios argumentos que, atormentados por dúvidas, a distanciaram da mera aplicação de um positivismo rígido e uniformizador. No marco da expansão da escolaridade e também do aumento dos problemas a serem resolvidos em termos de abrangência e permanência de crianças, adolescentes e jovens no sistema escolar, sob a direção de Víctor Mercante, a Seção de Pedagogia da Universidade Nacional de La Plata começou a publicar, em 1906, a revista *Archivos de Pedagogía y Ciencias Afines*. No domínio das revistas educativas, o *Archivos* posicionou-se como um agente ativo de divulgação dos resultados de pesquisas experimentais realizadas pela Seção Pedagógica e de resultados semelhantes noutros países, bem como de divulgação de produção bibliográfica inovadora. Entre 1906 e 1914, os *Arquivos de Pedagogia e Ciências Afins* exploraram vários caminhos conceituais. Quanto ao conceito de heterogeneidade, antes de tudo, reconhecia explicitamente que a sociedade, e particularmente a população escolar argentina, era heterogênea. Com base nisso, a heterogeneidade foi apresentada como sinônimo de diversidade ou diferença, mas também em termos de alteridade. O segundo sentido aludiu à heterogeneidade detectada nos projetos de pesquisa realizados pelos intelectuais laplatenses segundo as diretrizes científicas da psicologia e da antropologia da época que levaram a estabelecer correlações entre as aptidões dos alunos e a raça, o gênero ou a idade, principalmente. A terceira acepção entendia a heterogeneidade como um desafio da prática docente. O problema pedagógico que a revista registrava era o das limitações do método simultâneo, aplicado durante muito tempo pelo ensino, sob o pressuposto de que todos aprendiam no mesmo ritmo e da mesma forma. O quarto significado de heterogeneidade apontou para a formação docente. Paradoxalmente, considerou-se o contrário do que foi afirmado no ponto anterior, ou seja, que a ação educativa era dificultada pela dispersão metodológica que reinava nas salas de aula. Para isso, considerou-se necessário formar professores para escolas nacionais, escolas normais e institutos e alcançar uma preparação técnica e pedagógica com espírito “mais homogêneo” (Finocchio, 2025).

O mesmo propósito de pesquisa e ensaio, embora num cenário muito diferente, o da revolução mexicana, foi reconstruído por Mirian Galante (2025) na *Revisão Geral de Direito e Jurisprudência*, onde alguns juristas e professores universitários, atores intermediários comprometidos com os processos de institucionalização do Estado, procuraram, entre 1930 e 1935, vislumbrar caminhos possíveis para um regime normativamente formalizado que canalizasse a pluralidade social e cultural emergente. Segundo Galante, houve naquela época, numa encruzilhada entre o simbólico e o funcional, um boom institucional com o qual se tentou formalizar e regular os significados de cada universo social e suas interações com os outros. A autora alerta que uma ordem social em convulsão exigia um ambiente jurídico atento, preparado e com capacidade de intervenção rápida e que a mudança na

compreensão do direito como disciplina foi acompanhada de novos valores sociais. Em si, a publicação ecoou não só uma diversidade de vozes, devido a uma composição plural do direito como disciplina, mas também devido a um procedimento múltiplo com o qual procurou fortalecer o direito e a sua autonomia como poder judicial na configuração dos poderes do Estado. Só assim se poderia estar preparado para fornecer uma solução normativa para um futuro não contemplado pela prática histórica da justiça, pela doutrina existente ou pela legislação vigente. Assumia-se, desta forma, que a interlocução do direito era agora mais com o futuro do que com o passado (Galante, 2025).

Em segundo lugar, trago contribuições referentes ao estudo das produções textuais em revistas latino-americanas de atores que desafiaram modelos hegemônicos. Além disso, contribuições daqueles que abordaram, por meio da análise da imprensa, as formas parciais e equívocas pelas quais a memória oficial resgatou atores invisíveis.

O estudo realizado por María Esther Aguirre Lora (2025) nas revistas *La Antorcha*, *El Machete*, *Choque* e *Contemporáneos* permitiu à autora demonstrar o jogo de representações através do qual diferentes grupos em conflito contribuíram para a renovação artística e cultural e a construção de uma cultura viril no México pós-revolucionário. Sua investigação situa-se entre 1920-1940, décadas em que, após o término dos movimentos armados da chamada Revolução Mexicana, iniciou-se uma etapa de pacificação e construção de um novo Estado moderno, com políticas, instituições e protagonistas educativo-culturais dedicados ao projeto revolucionário. Neste contexto, segundo o autor, estas publicações assumiram a urgência de envidar esforços para legitimar um imaginário nacionalista interessado em evitar diferenças. Ele ressalta, porém, que nas publicações estudadas esse propósito foi superado por histórias e tensões (Aguirre Lora, 2025). Em tempos de construção da cultura nacional, nas revistas *Choque*, *El Machete*, *Antorcha* ou *Contemporáneos*, foi feita uma crítica contundente à homossexualidade ou às artes não revolucionárias como artes afeminadas e inúteis. A masculinidade, modelo de virilidade proposto pelas elites e pelas políticas estatais, buscava um projeto sociocultural homogêneo, capaz de dar identidade ao México moderno. Contudo, destaca Aguirre Lora, para além da questão do gênero e da luta pelas masculinidades, havia uma outra leitura do viril enraizada no revolucionário e associada à perspectiva da formação do Estado moderno e do tipo de cidadão que se desejava formar, diferente da burguesia preparada e dos setores urbanos, vistos como delicados por suas ações, suas expressões, sua preparação pessoal. A masculinidade implicava ser um tipo de homem capaz de defender a Revolução e fortalecer os movimentos sociais. Nesse sentido, houve uma reivindicação do que poderia ser considerado masculinidade humana. Nesta perspectiva, também existiram mulheres viris, das Adelitas a Frida Kahlo ou Nellie Campobello (Aguirre Lora, 2025).

Inés de la Torre (2025) estudou a imprensa negra do Uruguai, a mais ativa da América Latina em termos relativos (per capita) e a segunda depois do Brasil em termos absolutos.

A análise da revista *Nuestra Raza* publicada em dois períodos específicos, em 1917 e entre 1933 e 1948, permitiu evidenciar a emergência de uma pluralidade de vozes e de leitoras que procurou desafiar e construir como audiência, destacando uma notável presença feminina, bem como uma vocação de participação e protagonismo que levou à criação do PAN, Partido Autonomista Negro em 1938. No ano de 1917, na cidade de San Carlos, município de Maldonado próximo a Punta del Este, apareceu pela primeira vez a revista *Nuestra Raza*, anunciada como “Jornal social, de notícias - Órgão da comunidade de cor”, cujo lema foi, desde o primeiro número, *Da raça, pela raça e para a raça*. A autora destaca que a publicação de *Nuestra Raza* está associada à presença de uma comunidade afro na região, amplamente ligada à cultura letrada e provavelmente visualizada pelos editores como potencial público leitor e assinante. Só naquele ano foram publicados trinta números nos quais ficou evidente o seu modelo conciliador de relacionamento com a cultura hegemônica. Em 1933, quinze anos depois, iniciou-se uma nova etapa da revista que duraria até 1948, liderada por intelectuais convencidos do valor da educação e do papel da imprensa como construtora da cidadania, temas que sempre estiveram expostos em suas páginas. Porém, instalada na capital uruguaia, a comunidade afrodescendente se vinculou a movimentos afro de diversas partes do mundo que começavam a lutar contra a discriminação e, por isso, as novas gerações da revista questionaram o modelo conciliador de seus antecessores. Segundo Inés de Torre, em Montevideu, a ligação com os círculos sindicais e com partidos políticos não tradicionais (Partido Comunista e Partido Socialista) contribuiu para que as novas gerações de colaboradores da revista tivessem posições mais beligerantes do que as do grupo fundador em relação ao problema do racismo estrutural. A julgar pelas páginas da revista, a convivência geracional parece ter sido relativamente pacífica nestes tempos vertiginosos e desafiadores, ou pelo menos não permite que se percebam tensões. Contudo, é possível perceber a inauguração de um novo tipo de construção de heterogeneidade, baseada não apenas em meras diferenças etárias, mas numa posição política mais beligerante assumida pelas novas gerações em relação à situação política a nível internacional. Da mesma forma, as mulheres foram conquistando um espaço próprio na revista (De Torre, 2025).

No que diz respeito às formas como atores invisibilizados pela memória oficial foram posteriormente recuperados para fortalecer novas instâncias de homogeneidade, é paradigmática a inclusão no cânone patriótico da Costa Rica de Carmen Lyra, falecida no exílio, em seu papel exclusivo de autora de literatura infantil, desnaturalizando assim sua importantíssima e vasta trajetória como política, que Ruth Cubillo (2025) resgata do estudo da revista *Trabajo*, ligada ao Partido Comunista, no que Carmen Lyra teve um papel de destaque. Ruth Cubillo pergunta como uma memória oficial e um senso comum da época são construídos de acordo com os desejos das elites dominantes. Ela responde, com base no seu estudo, que na tentativa de construir-se novas hegemonias, as elites sociais em pro-

cesso de consolidação, como foi o caso dos grupos políticos vitoriosos na Costa Rica após a guerra civil iniciada em 1948, recorreram a estratégias com elevado conteúdo simbólico em torno de um consenso unificador que subordina os antigos contendores. A análise dos ensaios políticos publicados por Carmen Lyra no semanário *Trabajo* entre 1931 e 1947 permite a Cubillo tornar visível o lado oculto dessas tentativas das elites sociais e captar a heterogeneidade operacional que se enraíza nas costuras da memória oficial, como um processo de construção social de um “nós coletivo”. Dessa forma, a autora demonstra como desde a morte de Lyra, em 1949, as instituições costarriquenhas têm se esforçado para recuperar a memória nacional apenas uma faceta desta intelectual, a de escritora de histórias infantis, considerando-a a mais inofensiva para a perpetuação da identidade nacional imaginada e homogênea, ou seja, a menos heterogênea e dissidente (Cubillo, 2025).

Em terceiro lugar, apresento contribuições referentes aos estudos sobre as oscilações contra-hegemônicas das vanguardas culturais e dos núcleos de pensamento e crítica literária, que se apresentaram como alternativas.

A análise do *Exame Gratuito. A Revista Ilustrada de Sociologia, Crítica e Literatura*, empreendimento de livres-pensadores anarquistas da primeira década do século XX argentino, realizada por Carmen Rodríguez Martín e Armando Minguzzi (2025) demonstra uma porosidade que lhe permitiu sobrepor-se e interagir com características centrais do imaginário social da época. Pistas relevantes foram as discussões coletadas em suas páginas sobre o vínculo conflituoso entre o amor à pátria e o amor à humanidade e a ideia de que a chamada questão social também estava imbuída de sólidas conotações culturais. Em seu estudo de imagens e discursos heterogêneos do livre-pensamento anarquista, Rodríguez Martín e Minguzzi demonstram que o exame do *Libre* permite que a heterogeneidade seja lida em duas dimensões. Por um lado, em termos de representações sociais. Por outro lado, nas estruturas e formatos ideológicos e nos diálogos estéticos presentes na publicação. Isto os leva a argumentar que: “o mapa da heterogeneidade no Exame Livre tem um ponto de partida, a encenação da realidade social argentina, e um ponto de chegada, a intersecção de diferentes formas de ver o mundo que tem sua complexa razão de ser na exibição estética” (Rodríguez Martín; Minguzzi, 2025, p. 257).

Nessa mesma década da década de 1920, o campo intelectual peruano apresentava uma heterogeneidade conflituosa. Sua oscilação entre a vanguarda nascente e a reticência tradicionalista foi abordada por Laura Martínez (2025) no estudo dedicado à revista *Flechas* (Peru). *Flechas* (1924), dirigida por Federico Bolaños e Magda Portal em Lima, foi a única revista peruana da década de 1920 que se propôs a ser declaradamente vanguardista. Por isso, no plano estético e ideológico situou-se no cenário disputado entre as revistas peruanas de raiz tradicional e as revistas avançadas. Se considerarmos que a direção de uma revista supõe um posicionamento dentro do campo intelectual, *Flechas* também integrou a

história das revistas literárias dirigidas por mulheres no Peru. Contudo, mesmo destacando-se em ambos os aspectos, na vanguarda das suas abordagens e na posição de liderança de Magda Portal como diretora, Laura Martínez demonstra que “Flechas reflete um panorama literário contraditório e heterogêneo” (Martínez, 2025, p. 282).

Por sua vez, a obra de Braulio Rojas (2025), dedicada às produções impressas que surgiram de um coletivo de trabalho liderado por Walton, Remenyik e Agrella como resultado de uma amizade transoceânica desenvolvida na década de 1920, refere-se a um coletivo de artistas, criadores e revisores de Valparaíso, porto próximo a Santiago, capital do Chile. Rojas associa este grupo à configuração de um “regime oceânico” que nos permite repensar os processos de produção material e simbólica influenciados pela exterioridade radical que se infiltra pela porosidade dos portos a partir dos imaginários marítimo-costeiros. A análise das heterogeneidades político-afetivas no campo jornalístico de Valparaíso permite ao autor dar conta das tensões coletivas em jogo na sociabilidade da cidade-porto numa relação conflituosa com a determinação nacional metropolitana hegemônica. A hipótese de Rojas é que “a partir das relações político-afetivas construídas pelos participantes da vanguarda de Valparaíso se configura uma experiência de atividade cultural, ação política e experimentação literária, constituindo uma das experiências coletivas mais transgressoras da literatura chilena e uma expressão afetivo-política de uma amizade transoceânica, transtextual e transtemporal, e como sintoma de uma heterogeneidade sociocultural radical”. (Rojas, 2025, p. 263).

5 Conclusão

O arcabouço teórico e metodológico que coloca em primeiro plano a heterogeneidade sociocultural foi apresentado neste artigo como plataforma para seu tratamento em publicações periódicas, objeto heterogêneo por sua própria natureza. A abordagem focou no estudo da heterogeneidade a partir da própria heterogeneidade. Nesse sentido, fez-se referência a indagações centradas nas formas diversas e negociadas adotadas pelos discursos propositivos de atores intermediários no quadro dos processos de construção institucional e de busca de maior uniformidade sociocultural, apontando as fissuras, os limites e as contradições desses processos. Da mesma forma, foram mencionados trabalhos especificamente orientados ao estudo de publicações vinculadas à “alteridade” em sentido estrito, objeto preferencial dos grandes projetos homogeneizadores do Estado e do mercado, para captar sua agência, tensões e nuances. Por fim, fez-se referência a indagações sobre publicações vinculadas a experiências transgressoras de vanguarda nas quais se reconhece um novo sentido ao focar na porosidade de seu trabalho no que diz respeito ao tecido social e popular urbano. Até aqui minhas reflexões e a síntese da contribuição de um grupo de pesquisadores do qual fiz parte e cujas contribuições recolho neste artigo.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE LORA, María Esther. Apuesta por la modernización de la cultura mexicana. Virilidad y revolución: un campo de tensiones y nudos, 1920-1940. *In: Escenarios de la heterogeneidad en América Latina*. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.
- Alonso, Paula. **Construcciones impresas. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **La globalización: consecuencias humanas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- BERTRAND, Romain. Historia global, historias conectadas: ¿un giro historiográfico? **Prohistoria**, [s.l.], v. 24, p. 3-20, 2015. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1851-95042015000200001. Acesso em: 30/1/2025
- CASTEL, Robert. **La metamorfosis de la cuestión social: una crónica del salariado**. Buenos Aires: Ediciones Paidós Iberica, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. **La institución imaginaria de la sociedad**. Barcelona: Tusquets, 1975.
- CEJA, Iréri; ÁLVAREZ VELASCO, Soledad; BERG, Ulla (org.). **Migración**. Buenos Aires: CLACSO-Universidad Autónoma Metropolitana, 2021.
- CERTEAU, Michel de. **La cultura en plural**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- CONRAD, Sebastian. **Historia global: una nueva visión para el mundo actual**. Barcelona: Crítica, 2017.
- CORNEJO POLAR, Antonio. Para una teoría literaria hispanoamericana: a veinte años de un debate decisivo. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, v. 25, n. 50, p. 9-12, 1999.
- CORNEJO POLAR, Antonio. **Escribir en el aire: ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas**. Lima: Centro de estudios literarios Cornejo Polar, 2003.
- CUBILLO PANIAGUA, Ruth. Deconstruir la idea homogénea de nación costarricense: la producción ensayística de Carmen Lyra en el Semanario Trabajo (1931-1947). *In: Escenarios de la heterogeneidad en América Latina*. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.
- DELGADO, Verónica; MAHILE, Alejandra; ROGERS, Geraldine (org.). **Tramas impresas: publicaciones periódicas argentinas (XIX-XX)**. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación: Universidad Nacional de La Plata, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, George. **Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- FINOCCHIO, Silvia. **La escuela en la historia argentina**. Buenos Aires: Edhasa, 2009.

FINOCCHIO, Silvia. El cariz de la heterogeneidad en la revista Archivos de Pedagogía y Ciencias A nes (La Plata, 1906-1914). In: **Escenarios de la heterogeneidad en América Latina**. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

GALANTE, Mirian. Lagunas de ley y heterogeneidad sociocultural en el México postrevolucionario: la Revista General de Derecho y Jurisprudencia (1930-1935). In: **Escenarios de la heterogeneidad en América Latina**. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. Méjico: Grijalbo, 1990.

GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo; MINGUZZI, Armando (org.). **Imaginarios de la cohesión social**: miradas a través de publicaciones periódicas del Cono Sur americano (1900-1940). Madrid: Editorial Polifemo, 2019.

GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo; STAGNO, Leandro. Anales de la Educación Común de Juana Manso y El Monitor de Arnaldo Sarrazat: esfera pública, prensa educativa e imaginario civilizatorio (Buenos Aires, 1865-1877). In: **Escenarios de la heterogeneidad en América Latina**. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo *et al.* La heterogeneidad sociocultural y sus formas de representación: problemas, itinerarios, abordajes. In: **Escenarios de la heterogeneidad en América Latina**. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

ILLOUZ, Eva. **La vida emocional del populismo**. Buenos Aires: Editorial Katz, 2023.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: para una semántica de los tiempos históricos. Madrid: Paidós Ibérica, 1993.

LAHIRE, Bernard. **El hombre plural**: los resortes de la acción. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004a.

LAHIRE, Bernard. **La culture des individus**: dissonances culturelles et distinction de soi. Paris: Éditions La Découverte, 2004b

LE GOFF, Jaques. *¿Realmente es necesario cortar la historia en rebanadas?* México: Fondo de Cultura Económica, 2016.

MARTÍNEZ, Laura María. Vanguardia, escritoras y reticencias en la revista Flechas (1924). In: **Escenarios de la heterogeneidad en América Latina**. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

NOIRIEL, Gerard. **Introducción a la sociohistoria**. Madrid: Siglo XXI, 2011.

RAMA, Angel. **La ciudad letrada**. Hanover, USA: Ediciones del Norte, 1984.

RANCIÈRE, Jacques. **Sobre políticas estéticas**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions, 2005.

RICHARD, Nelly. **Revolución social y nueva constitución**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

RIVAS, Víctor. En torno a la heterogeneidad: diálogo con Antonio Cornejo Polar. **Lucero**, v. 8, 1997. Disponible en: <https://escholarship.org/uc/item/9sr4q6pn>. Accede en: 15 mar. 2024.

RODRÍGUEZ MARTÍN, Carmen; MINGUZZI, Armando. La revista Libre examen (1904-1905): imágenes y discursos heterogéneos del librepensamiento anarquista. *In: Escenarios de la heterogeneidad en América Latina*. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

RODRÍGUEZ CASCANTE, Francisco. Hibridación y heterogeneidad en la modernidad latinoamericana: la perspectiva de los estudios culturales. *Revista Comunicación*, Cartago, v. 12, n. 1, 2002. Disponible en: <https://www.redalyc.org/pdf/166/16612108.pdf>. Accede en: 30 jan. 2025.

ROJAS CASTRO, Braulio. Walton, Remenyik y Agrella, una amistad transoceánica: heterogeneidades político-afectivas en el campo revisteril de Valparaíso. *In: Escenarios de la heterogeneidad en América Latina*. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

ROSA, Harmut. **Alienación y aceleración**: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Buenos Aires: Katz, 2005.

SAÍTTA, Silvia. El periódico Martín Fierro como campo gravitacional. *Orbis Tertius*, La Plata, v. 24, n. 30, 2020. Disponible en: <https://www.orbistertius.unlp.edu.ar/article/view/OTe129>. Accede en: 15 marzo 2024.

SARLO, Beatriz. **El imperio de los sentimientos**. Buenos Aires: Catálogo, 1985.

SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica**: Buenos Aires 1920-1930. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica**: sueños modernos de la cultura argentina. Buenos Aires: Nueva Visión, 1992.

TARCUS, Horacio. **Las revistas culturales latinoamericanas**: giro material, tramas intelectuales y redes revisteriles. Buenos Aires: CEDINCI, 2020.

TORRE, Inés de. Las dos etapas de la revista afrouruguaya Nuestra Raza: (1917; 1933- 1948): intelectuales, periodismo y resignificaciones de los modelos de integración étnica. *In: Escenarios de la heterogeneidad en América Latina*. Rosario: Prohistoria, 2025. No prelo.

Recebido em junho/2024 | Aprovado em janeiro/2025

MINIBIOGRAFIA

Silvia Finocchio

Doutora em Ciências Sociais (FLACSO Argentina). Pesquisadora Principal do Programa Educação, Conhecimento e Sociedade da FLACSO Argentina. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Práticas Escolares (FLACSO Argentina). Coordenadora do Centro de Pesquisa sobre Conhecimentos e Práticas Escolares e do projeto Criatividade e Inovação Social na América Latina (séculos XIX e XX) (FLACSO Argentina).
E-mail: silvia.finocchio@gmail.com